

A PRÁTICA ALFABETIZADORA E O DIÁLOGO COM OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

George Eduardo Ferreira de MESQUITA
Graduando do curso de Pedagogia do CAMEAM/UERN
george.mesquita@yahoo.com.br

Valéria Vieira PEREIRA
Graduanda do curso de Pedagogia do CAMEAM/UERN
valeria@hotmail.com

Orient. Prof.^a Dra. Débora Maria do NASCIMENTO
Professora do Departamento de Educação do CAMEAM/UERN
pedeboramar@yahoo.com.br

Prof.^a Esp. Lívia Sonalle do Nascimento SILVA
Professora do Departamento de Educação do CAMEAM/UERN
liviasonalle@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho é uma proposta do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID promovido pela CAPES, realizado no CAMEAM/UERN, do Departamento de Educação. Tem por objetivo analisar a importância dos métodos de alfabetização, através das “falas” das professoras supervisoras do PIBID, evidenciando os avanços e dificuldades do Programa Alfa e Beto proporcionaram. Para a realização deste estudo utilizamos como procedimento de coleta dos dados, um questionário semiestruturado com questões abertas, direcionadas a duas Professoras Supervisoras da Escola Estadual José Guedes do Rêgo e uma da Escola Estadual Patronato Alfredo Fernandes, participantes do PIBID, Pau dos Ferros/RN. Nos respaldamos teoricamente nos estudos de (MORTATTI, 2006; MENDONÇA, S/D; NASCIMENTO, 2011). Mediante os estudos realizados pudemos perceber que os métodos de alfabetização contribuíram para o enriquecimento da formação docente apesar da defesa ao Método fônico ser a prioridade nos ensinamentos em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização. Métodos. Programa Alfa e Beto.

PALAVRAS INICIAIS

Os métodos de alfabetização são quase tão antigos quanto o próprio alfabeto. Talvez os mais antigos educadores tenham se perguntado “Como fazer com que o aprendiz compreenda e assimile o alfabeto de modo a manipulá-lo no dia-a-dia?”. Não há como saber se isto ocorreu mesmo, mas de certo, foi a necessidade de ensinar convenientemente o código alfabético escrito que fez surgir os diversos métodos de alfabetização.

Mas, de fato, o que são métodos de alfabetização? Podemos dizer que são um conjunto de princípios teórico-procedimentais que organizam o trabalho pedagógico em torno da alfabetização. Os métodos, portanto, são meios facilitadores da aprendizagem.

Nesta perspectiva, este trabalho tem por objetivo refletir sobre as práticas alfabetizadoras a partir do diálogo com os métodos de alfabetização. Para tanto, adotou-se uma metodologia de revisão bibliográfica de textos sobre alfabetização e métodos de alfabetização, bem como a aplicação de um questionário semiestruturado com duas professoras alfabetizadoras. O texto está referenciado nas ideias de Mortatti (2006) e Mendonça (S/D).

O texto compreende três tópicos. O primeiro tópico aborda o contexto histórico dos métodos de alfabetização, no qual se evidencia a importância que cada método representa para a aprendizagem da criança. O segundo tópico apresenta uma breve explanação sobre o Projeto Alfa e Beto, destacando suas principais características e as razões para a adoção do método nas escolas. No terceiro tópico, fazemos a relação entre as “falas” das professoras e a fundamentação teórica estudada. Por fim, faz-se uma explanação acerca da validade de todos os métodos de alfabetização, mas com destaque especial para o programa Alfa e Beto.

1 BREVE ESBOÇO DA HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

A necessidade de comunicação do homem durante toda sua trajetória transcorreu evolutivamente, de início, houve a precisão de contar e representar graficamente, mas como já não se saciavam tiveram que criar o alfabeto para iniciar o diálogo, claro que ocorreram inúmeras mudanças até chegarmos à escrita que temos hoje.

A primeira escrita começou na antiguidade, onde a decifração de código teve seu processo natural, ou seja, sem incentivos para sua aprendizagem e aprendia-se com os outros, sem o caráter legítimo da escola.

Foi na antiguidade que surgiu o primeiro método chamado soletração, considerado complexo e muito lento, pois a criança tinha que passar por estágios, onde decorava a sequência alfabética, aprendia a grafia, associava o som à grafia, apresentavam-se as letras maiúsculas, as famílias silábicas e as palavras até o aluno chegar à escrita do texto. Apesar de cansativo e enfadonho a memorização é fato enraizado do método nas cartilhas de alfabetização.

Contrapondo as dificuldades de aprendizagem do método de soletração foi criado o método fônico, com o objetivo de alfabetizar através dos sons, onde a soletração alfabética facilitaria a aprendizagem. Em 1719 na França, Vallange utilizando às ‘figuras simbólicas’ propõem que as crianças representem as consoantes de acordo com os sons, criando assim o método fônico (aproveitando e/ou aperfeiçoando) as técnicas desenvolvidas pelas figuras

simbólicas. Mais devido ao enorme exagero evidenciado na pronúncia das letras, o método fônico não solidificou suas práticas vindo ao fracasso.

Deste modo, como há uma evolução na metodologia de alfabetização foi criado na França o método da silabação com o objetivo de unir consoante com a vogal e formar a sílaba. O método silábico é parecido com a soletração, pois nele ensina-se o nome das vogais, depois da consoante e posteriormente as famílias compostas, depois as palavras que compõem a sílaba.

Para suprir as lacunas deixadas pelo fônico surgiu o método global, tido como revolucionário e desafiador para professores, visto que se apresentava como método não mecânico, sendo adaptado assim ao contexto do aluno, onde a metodologia que ensina seria adaptada ao aluno e não o contrário, proposto nos métodos anteriores citados, em que o aluno adapta-se ao ensino.

Neste sentido, sabendo dos atributos dos métodos de alfabetização para a aprendizagem dos alunos, iremos apresentar as suas contribuições para o ensino no Brasil desde o período colonial até os atuais, evidenciando os métodos analítico, sintético e fônico, bem como a utilização das cartilhas.

1.1 ALFABETIZAÇÃO: PERCURSO E MÉTODOS

Discorrer sobre a evolução dos métodos alfabetizadores no Brasil, requer de nós uma recapitulação em toda a história da alfabetização brasileira, onde o nosso ensino iniciou-se com a catequização dos indígenas pelos jesuítas que exercitaram suas “funções alfabetizadoras”, durante muito tempo, chegando até a fundar escolas secundárias.

Somente após inúmeras mudanças com a expulsão dos jesuítas em 1759 pelo Marquês de Pombal e a chegada da Família Real Portuguesa em 1808, trazendo consigo mudanças significativas no ensino, iniciando com o curso de Medicina.

Com a implantação do Império no Brasil em 1822, podemos dizer que houve um avanço através de medidas que favoreceram a criação do sistema de ensino que percorreu inúmeros obstáculos como a precariedade das “aulas régias” e dos materiais disponíveis como cita: (MORTATTI, p. 5, 2006)

“(…). E o material que se dispunha para o ensino da leitura era também precário, embora na segunda metade do século XIX, houvesse aqui algum material impresso sob a forma de livros para fins de ensino da leitura, editados ou produzidos na Europa. Habitualmente, porém, iniciava-se o ensino da leitura com as chamadas “cartas de ABC” e depois se liam e se copiavam documentos manuscritos”.

Já neste tempo, utilizava-se o método sintético associado a outros como a silabação a palavrção e o fônico evidenciando o som, para ajudar os alunos a compreenderem as cartilhas de ABC, mesmo sendo considerado um modo mecânico e memorizável nos dias atuais, mas na época a que se trata foi adaptada a vida dos alunos.

Com a primeira aparição das cartilhas não demorou muito para surgirem outras tantas, como a primeira publicada em 1890 chamadas “João de Deus” estas cartilhas baseavam-se no método da palavrção, foi através deste surgimento que se iniciou uma disputa entre o método da palavrção que partia das palavras para o reconhecimento visual e sonoro da palavra e o sintético que trabalhava a parte até chegar ao todo necessitando assim, de estágios de aprendizagem onde os alunos só passavam para a próxima sequencia se aprendesse a anterior.

O método analítico só veio aparecer na história propriamente dita a partir de 1890 através de uma proposta lançada para o Estado de São Paulo, onde os professores passaram a adotar o método analítico apesar de não se satisfazerem com tal metodologia devido os resultados serem poucos encontrados e observados, além disso, demonstravam descontentamento quanto a esse método, como explicita (MORTATTI, p.6 e 7, 2006):

A partir da primeira década republicana professores formados por essa escola normal passaram a defender programaticamente o método analítico para o ensino da leitura e disseminaram-no pros outros estados brasileiros, por meio de ‘missões de professores’ paulistas (...). Embora a maioria dos professores das escolas primárias reclamasse da lentidão de resultados desse método, a obrigatoriedade de sua utilização no estado de São Paulo perdurou até se fazerem sentir os efeitos da ‘autonomia didática’.

Enfim, os educadores, maravilhados com o método analítico, acabaram se deslumbrando, pois há tempos estavam arraigados no método sintético. Devido à mudança de metodologia o analítico passou a ajudar o docente a desenvolver sua autonomia em sala de aula, entretanto, requer mais esforço do docente, pois terá que conduzir seu aluno a fazer o caminho inverso, e quando estamos acostumados a caminhar pelo mesmo caminho é muito difícil mudar o caminhar, mas não impossível.

Mesmo diante de toda esta intensa disputa sobre qual método se tornaria mais apropriado para o ensino dos anos iniciais, foi somente em 1910, que surgiu o termo alfabetização.

E o método fônico, sendo uma vertente do método sintético por tratar da parte para o todo cabe a nós aqui ressaltar sua importância como metodologia para a aprendizagem na alfabetização assim como, o analítico e as vertentes do sintético, o fônico também possui sua fração de contribuição, onde pretende ensinar o som para que o aluno consiga fazer a distinção entre letra e som. Mais apesar de ser chamado de mecânico e antigo ainda hoje é defendido por docentes que acreditam que sua eficácia é notável entre as crianças alfabetizadas, em que o problema da alfabetização, acredita-se que se deve ao não reconhecimento sonoro da fala. Então é por este fato que a metodologia fônica ajuda a desenvolver a escrita.

Neste sentido, acreditamos que as metodologias apresentadas são todas aptas para auxiliar na aprendizagem significativa na fase da alfabetização, claro que cada qual possui suas vertentes e metodologias que quando compreendidas e utilizadas adequadamente proporcionam melhores chances de aprendizado.

2 O PROGRAMA ALFA E BETO

O método de alfabetização Alfa e Beto é uma vertente do método fônico de alfabetização, o qual, por sua vez, faz parte do conjunto de métodos chamados de sintéticos. A pedra de toque do programa é a relação das letras com os seus sons correspondentes, ou seja, o método parte da premissa de que há uma correspondência exata entre os elementos sonoros e os elementos gráficos da língua. Diga-se de outra forma, entre fonemas e grafemas, sons e letras. A grande inovação proposta pelo programa refere-se à consciência fonêmica, isto é, à aprendizagem das letras do alfabeto enquanto fonemas e das palavras como sequência de fonemas.

O programa Alfa e Beto é um aprimoramento do método fônico a partir da introdução da consciência fonêmica enquanto requisito para a aprendizagem eficaz da escrita e da leitura. O programa é destinado à alfabetização de crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental, embora também possa ser utilizado para alfabetizar crianças defasadas ou com necessidades de aprendizagem. De acordo com informações do site do Instituto Alfa e Beto, o programa vem sendo gradativamente implantado em todo o país, tanto nas redes estaduais quanto municipais de ensino. Ainda segundo informações do site, mais de 150 mil alunos já foram alfabetizados em todo o país desde 2003 por intermédio do método. Estes dados não podem ser desconsiderados na análise do método em estudo. Então, o que caracteriza o Programa Alfa e Beto?

Apesar de fazer parte do método sintético de alfabetização, o programa apresenta uma série de características que o distingue dos demais métodos de alfabetização. Neste sentido, ele é considerado o único método de alfabetização de crianças do país a apresentar as seguintes características fundamentais:

2.1 Conceito de alfabetização, Programa de ensino e Proposta pedagógica

É considerado o único método de alfabetização que apresenta uma definição precisa, cientificamente fundamentada, do conceito de alfabetização. Esta definição é proveniente dos estudos da chamada Ciência Cognitiva da Leitura¹. Além disso, o Programa também apresenta um programa de ensino que abrange todas as competências e habilidades necessárias para que a criança se aproprie da tecnologia da escrita e da leitura e as utilize nas situações cotidianas, as quais podem ser encontradas no chamado Manual de Orientação, elaborado na intenção de prover assistência aos professores alfabetizadores.

O programa ainda conta com uma proposta pedagógica fundamentada nas mais recentes descobertas científicas sobre alfabetização oriundas das descobertas da Ciência Cognitiva da Leitura.

2.2 Flexibilidade, Plano de aula, Material didático e avaliação

O programa apresenta um plano de curso bastante flexível, no qual é possível implementá-lo em 1 ou 2 anos letivos. Além do mais, ainda é possível utilizá-lo como metodologia eficaz na alfabetização de crianças defasadas e fora da idade apropriada para alfabetização.

Outro diferencial do programa Alfa e Beto é a disponibilização de planos de aula estruturados, com orientações e recomendações claras e objetivas para que os professores consigam desenvolver as atividades do programa segundo uma sequência bem definida que, ao final, culminará na alfabetização eficaz dos alunos. Neste ponto há certamente pontos positivos e negativos a considerar. É possível questionar, por exemplo, se a disponibilização desses planos de aula prontos não inviabilizam a autonomia, a criatividade e a iniciativa

¹ De acordo com a enciclopédia livre Wikipédia (2013), a Ciência Cognitiva ou a Ciência da Cognição ou as Ciências Cognitivas designam o conjunto de métodos e técnicas relativas ao estudo científico da mente, da inteligência humana ou da aprendizagem.

docente. Ao mesmo tempo esses planos agilizam o trabalho dos professores, que podem desenvolver uma prática alfabetizadora mais direcionada.

Outra característica distintiva do Programa é que a escola que o adota recebe uma infinidade de materiais para alfabetização, os quais se destinam a alunos, professores, sala de aula e escola. Esses materiais vão desde livros até fantoches. Para além disso, o Programa conta com uma sequência de seis testes avaliativos cujo objetivo é fazer um diagnóstico do processo formativo dos alunos.

2.3 Gerenciamento, capacitação, instrumentos e assistência técnica

Além das características comentadas acima, o programa ainda permite o gerenciamento das atividades tanto pela Secretaria de Educação quanto pela escola, o que é benéfico, haja vista que proporciona o controle e a avaliação constante das práticas de alfabetização e o desenvolvimento dos alunos. Outra inovação trazida pelo programa diz respeito à capacitação dos coordenadores do programa designados pela Secretaria de Educação. Além disso, também fornece instrumentos para a capacitação dos professores alfabetizadores, dentre os quais estão livros, manuais e outros materiais de apoio e orientação.

A última característica a que este trabalho se remeterá é referente à assistência técnica. O programa oferece assistência técnica permanente à equipe de coordenação da Secretaria de Educação e aos professores. Este é um ponto a ser destacado, haja vista que o programa é complexo e difícil de ser assimilado, principalmente por professores habituados com os métodos ditos tradicionais de alfabetização, como o alfabético e o silábico.

3 DIÁLOGO COM AS DOCENTES

O diálogo ocorrido com as Professoras Supervisoras do PIBID/PEDAGOGIA/UERN a qual atribuímos como pseudônimo S.A1, S.A2 e S.A3, a proposta de uma narrativa dirigida evidenciando as contribuições para alfabetizar crianças do 1º e 2º ano, para tanto propomos 3 principais questionamentos.

De início, a identificação de como se deu a trajetória dos métodos de alfabetização na sua carreira como docente alfabetizadora, ambas pesquisadas evidenciaram a forte influencia dos métodos, porém apenas S.A2 mencionou detalhadamente os métodos por ela trabalhados e seus respectivos efeitos na aprendizagem dos alunos e em sua formação pela S.A2 que iniciou com o método alfabético em uma escola privada, porém foi com o construtivismo que

compreendeu como deveria trabalhar associando a vida social com a escolar, a metodologia analítica causou uma enorme dificuldade na sua chegada a rede pública de ensino e foi com o fônico que ela menciona ter alcançado os objetivos previstos para sua turma reconhecida na escrita que veremos a seguir:

Quando comecei a lecionar em 1986 o método adotado foi a alfabético (...) não tive dificuldade, a aprendizagem das crianças era 98%. Era uma escola privada, as crianças com dificuldade tinha reforço (...).

Em 1994 comecei a trabalhar o construtivismo. Para mim, estudar a teoria construtivista foi como refazer o meu próprio caminho de estudante, exemplificando as ideias com os conhecimentos da minha vida escolar.

Em 1999, fui trabalhar na rede estadual e aplicar o método analítico, aí senti bastante dificuldade. Na sala de aula não tinha cartilhas e muito menos livros que desse para toda turma.

Em 2008 com a implantação do Programa Alfa e Beto (método fônico muito criticado por ser sim método mecânico) conseguimos atingir os nossos objetivos. (S.A2)

Sabendo então, da diversidade dos métodos de alfabetização pôde-se perceber que a sua mudança constante proporcionou o conhecimento das metodologias mesmo que muitas delas não tenham surtido o efeito desejado como foi mencionado pela docente anteriormente, é notável a compreensão e reconhecimento da importância de algumas metodologias como o construtivismo que ajudou a professora a refazer o seu caminho como aluna, associando agora os conhecimentos trazidos de casa com os vivenciados na escola. Além de que dá muita relevância ao Programa Alfa e Beto, talvez deva-se ao satisfatório alcance do programa que possibilitou alfabetizar satisfatoriamente as crianças do 1º e 2º ano além de fornecer materiais suficientes e suportes de auxílio ao professor.

O segundo ponto mencionado refere-se a uma breve explanação feita durante uma reunião do PIBID/UERN/CAMEAM pelas docentes na qual defendem tal método, porém quando citado apesar do Programa Alfa e Beto mesmo tento contribuído para o ensino e aprendizagem dos alunos, ainda é considerado por estudiosos, um método mecânico. Então, em virtude desta afirmativa perguntamos: Quais motivos as levaram a aceitar tal método, o resultado da aprendizagem dos alunos correspondeu ao esperado e se elas pretendem trabalhar este mesmo método neste próximo ano letivo. Para tais questionamentos obtivemos respostas até então surpreendentes principalmente ao que se refere à afirmativa sobre a mecanização que o fônico desenvolve nas crianças em fase de alfabetização, onde S.A1 afirma que:

‘O método fônico utilizado no Alfa e Beto não tem nada de “mecânico” pelo contrário, durante as aulas, posso notar que os alunos ficam excitados, curiosos para aprender, uma aula só se torna monótona quando o professor não procura inserir os alunos nela, não faz questionamentos em que eles se envolvam, participem, sintam-se convidados a aprender ou dar suas opiniões, e isso eu sempre procuro fazer durante esse processo de ensino-aprendizagem que desenvolvo na minha sala de aula”. (S.A1)

Mesmo diante da enorme defesa da docente S.A1 que tenta proporcionar a seus alunos a compreensão e a curiosidade, porém, mesmo assim é evidenciado por (NASCIMENTO, 2011, p.169) que:

Sob o prisma do método, a língua é tratada como sistema autônomo, fechado em si mesmo, passível de ser estudado fora de seu contexto de uso. É tratada de maneira fragmentada, de forma homogênea e sem espaço para variações dialetais ou linguísticas. Os textos desprovidos de significado e sem qualquer aspecto social – característica primordial da linguagem - são um desestímulo à formação do cidadão e do leitor que queremos.

Baseado na visão de Nascimento (2011) o método fônico mesmo tendo suas contribuições para a alfabetização ainda assim, é alvo de críticas quanto a sua metodologia de aprendizagem, pois não valoriza o contexto social devido às cartilhas de leitura ao priorizarem a pronúncia de determinadas letras, excluem a relação existente com a vivência dos alunos.

Quanto aos motivos que as levaram a aceitar tal método, que em virtude da defesa da docente S.A1, na afirmativa do segundo questionamento ficou a desejar a resposta a qual somente a docente S.A3 demonstrou seus anseios sobre a imposição dos programas de métodos de alfabetização e defendeu o método novamente independente da visão dos estudiosos, onde mesmo sabendo da quase total imposição que vem de ordens superiores, gostaríamos mesmo de saber a posição delas quanto ao método proposto e se elas pretendem trabalhar este mesmo método neste próximo ano letivo como explicita S.A3 afirma que:

“Não nos perguntaram se queríamos. Ele foi imposto como os anteriores. Mas eu asseguro que este foi o melhor de todos. Não importa o que diz os grandes estudiosos, para mim o certo, o melhor é o que facilita a aprendizagem dos alunos. Este ano não vou trabalhar porque o governo atual não comprou o programa. Mas com certeza o alfa e Beto ainda continuarão presente na minha prática de sala de aula.”

É notório na “fala” da docente a insatisfação não pelos métodos impostos, mas pela falta de consideração para com quem trabalha com a alfabetização na prática, pois seguir preceitos até então já formulados é bem mais fácil do que escutar as opiniões de docentes que conhecem e reconhecem as inúmeras dificuldades enfrentadas em sala de aula todos os dias.

Diante da “fala” das docentes percebemos que as metodologias adotadas durante toda sua carreira profissional proporcionaram um amplo conhecimento e o aprimoramento das práticas em sala de aula, porém, como em todo processo existe os defensores de práticas e seus opositores, não podemos deixar de considerar as afirmações de estudiosos na temática em questão sobre os métodos de alfabetização, como também não desmerecer a opinião dos docentes que estão na prática todos os dias em sala de aula e que para nossa surpresa evidenciaram direta ou indiretamente sua crítica a tais mudanças em programas de alfabetização como é mencionado o caso do Programa Alfa e Beto. Neste sentido, a docente S.A1 demonstra sua total aflição quanto a estas mudanças para as suas crianças:

É uma pena que esse programa não tenha continuação em 2013. Pois nossos governantes ainda não priorizam a educação, não dão continuação às coisas que estão dando certo, querem mudar, mesmo que isso custe o fracasso de muitas crianças, que só teriam a ganhar, não como forma de um presente, de uma ostentação, mas de um bem que ninguém no mundo pode lhe tirar o saber.

Segundo a docente, portanto, na instituição onde trabalha o Programa Alfa e Beto deu bons frutos e a sua continuação só traria vantagens para os alunos e para a escola. Em outras palavras, a adoção do Programa promoveu um verdadeiro salto qualitativo na aprendizagem dos alunos, tanto é assim que, segundo ela, ao final do ano a grande maioria dos alunos sabia ler habilmente.

Apesar disso precisamos ressaltar que não podemos nos acomodar um único método de alfabetização em particular, haja vista que diferentes necessidades requerem diferentes abordagens. As diversas metodologias criadas ao longo dos tempos estão aí, justamente para que possamos provar de todos os sabores, pois acreditamos no ensino da alfabetização não apenas com este ou aquele método, mas sim, na junção de muitos métodos segundo as necessidades dos educandos para podermos obter a aprendizagem significativa, ou seja, que os alunos, ao saírem das séries iniciais, e principalmente do Ensino Fundamental, saibam não apenas ler e escrever, mas que saibam fazer o uso social da leitura e da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfabetizar é uma prática complexa, processual e dinâmica. Admitida esta premissa temos que admitir a necessidade de um procedimento metodológico que facilite o processo de ensino-aprendizagem. Depois de fazer todas estas admissões poderíamos perguntar, mas *que método usar?*

A escolha por um método ou outro pelos professores depende de uma série de fatores e necessidades. Neste sentido, não há como afirmar, de forma absoluta, que determinado método é melhor que outro. Cada método tem uma determinada excelência em contextos específicos. De forma geral, portanto, todos os métodos de alfabetização têm a sua validade.

Neste trabalho, entretanto, fazemos uma abordagem destacada do método fônico de alfabetização Alfa e Beto, haja vista que o mesmo tem apresentado, nos últimos anos, um enorme potencial para a melhoria das práticas de ensino-aprendizagem. Além disso, a abordagem do programa é, de certa forma, inovadora. O programa tem como objetivo alfabetizar as crianças por meio do desenvolvimento da consciência fonêmica, isto é, a compreensão das letras como fonemas e das palavras enquanto sequências fonêmicas.

A adoção do método Alfa e Beto de alfabetização, portanto, tem se mostrado uma alternativa eficaz na alfabetização de crianças e na consequente diminuição dos índices de analfabetismo do país.

As conclusões a que chegamos ao final deste trabalho são, no mínimo, inconclusivas. Embora o programa Alfa e Beto seja bastante criticado pelos seus aspectos rígidos e mecânicos, tanto por estudiosos quanto por alfabetizadores, as docentes partícipes evidenciaram satisfação em ter trabalhado com o Programa no ano passado. Embora tenham feito menções aos demais métodos de alfabetização, destacando a contribuição dos mesmos para a sua formação profissional, a análise dos questionários respondidos pelas docentes revela que elas adotam em suas práticas apenas um método de alfabetização. Não podemos dizer que elas estão erradas ou que estão fazendo um trabalho ruim ou desqualificado, mas precisamos fazer a ressalva de que a sala de aula é um espaço complexo e dinâmico. Neste sentido, a adoção de um único método pode ser um empecilho para que a aprendizagem seja promovida de forma igualitária para todos os alunos.

Outro dado relevante evidenciado pela pesquisa, e do qual somos a favor, refere-se à crítica realizada pelas docentes partícipes à mudança de programas de alfabetização que tomam por base apenas as opiniões de estudiosos e eliminam a opinião dos professores alfabetizadores que estão em sala de aula.

Mesmo sendo a favor da volta ou continuação do Programa Alfa e Beto, acreditamos que, quando se trata de alfabetização, o governo deve considerar a voz dos (as) professores

(as) alfabetizadores, haja vista que os mesmos conhecem muito mais a realidade de seus alunos e as suas necessidades formativas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariana Aparecida Paes. **Métodos alfabetizadores:** Reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental. UNICENTRO, S/D.

Ciência Cognitiva. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciência_cognitiva>. Acessado em: 18/04/2013.

Instituto Alfa e Beto. Disponível em: < <http://www.alfaebeto.org.br/ProdutoseServicos/Alafabetizacao>>. Acessado em: 28/02/2013.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Percurso histórico dos métodos de alfabetização.** Faculdade de Ciência e Tecnologia – Departamento de Educação. Univesp/Presidente Prudente, S/D.

MORAIS, Artur Gomes de. **Concepções e metodologias de alfabetização:** Porque é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”? UFPE - Centro de Educação e CEEL - Centro de Estudos em Educação e Linguagem.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** 2006

NASCIMENTO Raquel Oliveira do. **REINVENÇÃO OU RETROCESSO?**
REFLETINDO SOBRE ALFABETIZAÇÃO: Linguagem: teoria, análise e aplicações (6). 2011 (UERJ).

PISA. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>>. Acessado em: 19/04/2013.

SEBRA, Alessandra Gotuzo. DIAS, Natália Martins. **Métodos de alfabetização:** Delimitações de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. 2011.